

# A RAPARIGA DA LIBELINHA





Óleo s/ tela 40 x 33 cm – 1989



Madalena conhecia a Mãe como mais ninguém conhecia. Tinha estado lá dentro, perto do coração e dos pulmões. Tinha sentido o que ela sentia, respirado com ela ao mesmo tempo. Quando se espreguiçava e a Mãe lhe pedia, de mansinho, para ter cuidado, ela tentava encolher-se, apesar de o espaço em que vivia ser cada vez mais pequeno.

Nos dois últimos meses, resolvera dar uma volta à vida: ficara de cabeça para baixo. Por acaso, assim, até achava que conseguia pensar melhor, embora o pensamento estivesse quase sempre concentrado na grande questão: “Como seria o mundo lá fora?”. Sim, chegaria o dia em que sairia dali para ir fazer o reconhecimento do terreno.

Convinha que fosse um lugar pacífico, alegre, simpático, terno, colorido, um mundo onde se sentisse pelo menos tão bem como se sentia dentro da barriga da Mãe.

E as pessoas? Seriam queridas como a Mãe era? Gostariam de música e de flores como a Mãe gostava? E de chocalatinhos? Mmmmm...tão bons!

Nas casas das outras pessoas falar-se-ia como se se cantasse num tom doce? E elas preocupar-se-iam umas com as outras, querendo sempre saber se tudo estava bem?

E o Pai? Iria continuar a falar no plural, quando se dirigia à Mãe, e a fazer-lhes festinhas à noite, antes de adormecerem?

Tanta pergunta! Tanta, tanta...

Madalena não tardaria a saber. Pelo menos, estava convencida disso.

Tinha razão. Acabou por chegar o dia das respostas. Não começou, de todo, como ela imaginara. Demorou tanto a decidir-se que, quando finalmente veio ao mundo, o dia já era noite.

De sol, música, flores, paz e sossego nem vestígios. Das duas, uma: ou nascera no sítio errado, ou não era, decididamente, aquela a melhor hora para obter respostas.

Esperou. No dia seguinte, logo de manhã cedo, rompeu o sol. A primeira coisa que Madalena sentiu foi o calorzinho do regaço da Mãe e a mão do Pai que lhe acariciava a cabeça. Parecia que havia flores, mas não conseguia distingui-las bem. Também cheirava a chocolate. Devia ser por haver, algures, uma caixa aberta. Mas, admirava-se Madalena, faltava a música, e isso era uma falha grave. Então? Essa tal “alma do mundo” de que a Mãe tanto gostava? Esses sons harmoniosos cuja falta se fazia já sentir?

Tudo isto passava pela cabeça de Madalena, nesse belo dia de Maio.

Para tudo isto foi encontrando respostas. Cedo, porém, percebeu que as questões que primeiro lhe haviam surgido, por mais importantes que

fossem, não tinham a dimensão avassaladora que outras e outras foram assumindo na sua vida.

Madalena foi crescendo. As perguntas foram-se multiplicando mas, não raro, entender as respostas era mesmo muito, muito complicado!

Valia-lhe, quase sempre a música. Ah! O sentimento de plenitude que a harmonia dos sons lhe transmitia era incomensurável. Viver sem música devia ser impossível!

Madalena já tinha compreendido que o mundo não era um mar de rosas. Contudo, aprendera a ouvir o canto da libelinha cor-de-rosa que costumava fazer-lhe companhia, quando passeava no jardim.

A libelinha não era presumida. Era, até, um pouco ingénua. De longe aparentada com o Grilo Falante amigo de Pinóquio, fazia-se ouvir com tal naturalidade, que Madalena acabou por perceber a sua linguagem.

A libelinha cantava a alegria, enquanto batia as suas asas transparentes. Mas, afinal, o que ia ela dizendo a Madalena?

Repetia-lhe, sem se cansar, que a Vida é um dom e que tal não deve nunca ser esquecido.

O resto? O resto era quase tudo, ou quase nada, pois se até as rosas têm espinhos... Importante é confiar, mesmo que as respostas para as nossas interrogações não existam.

P.S.: A Manuel António Pina mil vezes obrigada, por me ter emprestado a sua Ana.

Mais grata, ainda, fico a Johann Sebastian Bach pela eterna beleza da sua música, neste caso concreto pela Cantata BWV 147 “Herz und Mund und Tat und Leben”.